

Hayek e o Novo Socialismo de Mercado: Problema de Informação ou Conhecimento?

Hayek and the New Market Socialism: a Knowledge or Information Problem?

*Fabio Barbieri**

Resumo: Este artigo mostra como o “problema do conhecimento”, formulado por Hayek no debate do cálculo econômico socialista, foi interpretado como um problema de informação assimétrica quando o debate foi retomado nos anos 90. Este artigo critica essa interpretação, vista como uma estratégia retórica que bloqueou a apreciação do problema original, embora tal problema viesse à tona novamente na avaliação dos novos modelos de socialismo de mercado.

Palavras-chave: Socialismo de mercado. Economia da informação. Hayek.

Abstract: This article shows how the “knowledge problem” formulated by Hayek in the socialist calculation debate was interpreted as an asymmetric information problem when the debate was reignited in the 1990’s. We criticize this interpretation as a rhetoric strategy that blocked the appreciation of the original problem, although that problem surfaced again in the evaluation of the new market socialism models.

Keywords: Market socialism. Economics of information. Hayek.

JEL Classification: B25; B21.

1 Introdução

A Economia talvez seja a disciplina na qual convive o maior número de abordagens diferentes. O diálogo entre essas diferentes tradições, no entanto, é prejudicado pela prática retórica segundo a qual uma proposição, retirada de seu referencial teórico original, é interpretada e criticada à luz de um referencial diverso. Quando isso ocorre, a proposição soa normalmente incorreta, ou, na melhor das

* Graduado em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). Mestre e doutor em Teoria Econômica pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP). Professor da FUSP - Ribeirão Preto. Email: fbarbieri@usp.br

hipóteses, trivial. Embora evidentemente condenada em estudos profissionais de história das ideias, essa estratégia é muito comum entre os economistas.

O centenário debate sobre o cálculo econômico socialista,¹ iniciado com os trabalhos de Mises (1981, 1935), por envolver inicialmente autores marxistas, neoclássicos, austríacos e, desde sua retomada no final do século XX, defensores da economia da informação e da escola da escolha pública, foi campo fértil para mal entendidos gerados pelo choque de programas de pesquisa diferentes. No debate da década de 30, ao menos, as diferenças entre austríacos e neoclássicos ainda não eram explícitas, já que tal debate foi fundamental para a percepção de que a vertente austríaca da revolução marginalista constituía de fato um programa de pesquisa próprio, embora com muitos elementos em comum com as teorias de equilíbrio geral e parcial. Desde então, os austríacos desenvolveram sua teoria de processo de mercado, com ênfase na atividade empresarial e no aprendizado de agentes, em contraste com a teoria focada exclusivamente no equilíbrio.²

Quando o debate do cálculo foi retomado na década de 90, contudo, a análise de Hayek sobre a relação entre equilíbrio e conhecimento dos agentes, derivada de sua teoria de ciclos e do próprio debate do cálculo, já era bastante documentada e analisada. A despeito disso, a contribuição do autor ao debate foi “traduzida” para o referencial teórico da economia da informação. Nesse processo, não apenas o argumento original desse autor se perdeu, mas também o argumento “traduzido” foi avaliado em termos de um corpo teórico estranho ao argumento, com problemas que o autor não tratou.

Neste artigo, que trata desse particular episódio de interpretação de um argumento sem considerar o referencial teórico no qual foi formulado, defenderemos a tese de que a tentativa de transformar Hayek em um precursor da economia da informação, embora tenha facilitado o tratamento de novos e interessantes problemas na teoria do socialismo de mercado, distorce consideravelmente as ideias do autor, o que possibilita que os problemas levantados pelo mesmo fossem desconsiderados na retomada do debate. Defenderemos, ainda, a tese de que as limitações desses novos modelos são derivadas precisamente da falta de consideração pelas questões levantadas por Hayek no debate original.

Na segunda seção, trataremos do problema do conhecimento de Hayek, inserido na teoria austríaca de processo de mercado. Na terceira seção, veremos como esse problema é percebido por autores filiados à economia da informação como um problema de informação assimétrica. Na quarta seção, analisaremos como o socialismo de mercado passa a ser avaliado em termos dessa última tradição. Na quinta seção, mostramos como nessa discussão o problema original do

¹ Para uma história desse debate, ver Soto (1992) e, em português, Barbieri (2004).

² Para um exemplo representativo dessa abordagem, ver Kirzner (1985).

conhecimento ressurgir, mesmo na discussão dos críticos que ignoraram tal problema. Na conclusão, agruparemos as teses defendidas neste artigo.

2 A Teoria de Processo de Mercado e o Problema do Conhecimento

No debate do cálculo, a teoria de equilíbrio foi utilizada não para explicar o funcionamento de uma economia competitiva, mas para construir um mecanismo alocativo alternativo inspirado pela teoria. Nesse contexto, nota Hayek, que seria ilegítimo utilizar a hipótese de conhecimento perfeito inerente à noção de equilíbrio competitivo se o conhecimento, que em equilíbrio se supõe dado ao agente, for fruto do processo competitivo anterior à obtenção desse equilíbrio. O socialismo de mercado, por utilizar uma teoria que descreve estados finais de equilíbrio, tende então, naturalmente, a negligenciar a atividade de descoberta de conhecimento e supor desde o início a existência desse conhecimento. Mas, sob o ponto de vista austríaco, para dar conta da emergência da ordem tanto nos mercados quanto no socialismo, o economista deve partir da hipótese de conhecimento no falível por parte dos agentes e explicar como os seus erros são corrigidos.

Surgiu, assim, do debate a preocupação com o processo de mercado fora do equilíbrio e com o aprendizado dos agentes, o que para os austríacos fundamentaria a crença na capacidade coordenadora dos mercados. Na nossa interpretação do que poderíamos chamar de economia do conhecimento, Hayek nos convida a investigar a maneira como os agentes, em princípio ignorantes sobre a realidade econômica que os cercam, na busca pela melhor maneira de atingir seus propósitos, adquirem conhecimento sobre essa realidade: a explicação da emergência de um padrão ordenado nos mercados deveria então envolver uma teoria de aprendizado dos agentes.

O aprendizado no mercado não consiste apenas na atualização dos diferentes conjuntos de informações possuídos por agentes que já conhecem o “modelo correto” de funcionamento de um mercado, mas envolve a própria descoberta desse modelo por meio da rivalidade entre hipóteses diferentes sobre a natureza da realidade econômica que cerca o agente. A atividade empresarial consiste em ações econômicas guiadas pelas concepções particulares (teorias empresariais) de cada um a respeito da existência de oportunidades de lucro. A exploração bem sucedida dessas oportunidades dependerá não apenas das diferentes hipóteses individuais a respeito da disponibilidade local de recursos, das predisposições dos consumidores a demandar certos bens ou serviços ou, ainda, das alternativas técnicas de produção disponíveis no local e no período de tempo relevante (os chamados fundamentos da economia), mas também da capacidade de descobrir e imaginar meios alternativos de satisfazer tais necessidades e dependerá ainda da compatibilidade da ação pretendida com os planos dos demais agentes. A hipótese de

conhecimento falível tem sua plausibilidade reforçada quando contemplamos a complexidade do problema envolvido: para o autor, os fundamentos da economia não são uniformes ou constantes: cada agente possui conhecimento falível sobre as circunstâncias particulares que o cercam, no tempo e no espaço e tais circunstâncias estão em constante mudança com o passar do tempo.

Segundo essa concepção, a compatibilidade de planos, fruto do processo de aprendizado, não seria o ponto de partida da análise econômica, mas sim o próprio fenômeno a ser explicado. Na tradição austríaca, tal compatibilidade é aproximada a partir do confronto competitivo entre teorias empresariais falíveis. Um plano incompatível com os fundamentos dos mercados tende a ser frustrado, o que suscita a sua modificação ou, ainda, seu abandono. *Fora do equilíbrio*, os preços revelam oportunidades de lucro, guiam os agentes em suas escolhas e corrigem suas hipóteses sobre as condições dos mercados.

Numa leitura popperiana³ do problema de Hayek, para que haja adaptação das ações aos fins dos agentes, são necessárias tanto a diversidade de planos (conjecturas, o análogo à variação na teoria da evolução) quanto um mecanismo de correção de hipóteses errôneas (o análogo à seleção). Entre os austríacos, a propriedade privada e o sistema de preços de mercado proveriam tanto a liberdade necessária para a diversidade de planos quanto um mecanismo automático de correção de erros (a existência de lucros ou perdas) que faltariam ao socialismo.

O socialismo de mercado, na visão hayekiana, falharia por não lidar satisfatoriamente com a inevitável limitação do conhecimento humano diante da complexidade do problema alocativo, na medida em que despreza o mecanismo descentralizado de descoberta inerente aos mercados em favor de esquemas que de uma forma ou outra apelam para o conhecimento superior do planejador. Em nosso entendimento, a crítica hayekiana ao socialismo é em última análise uma manifestação da epistemologia falibilista de Popper: a diversidade de opiniões - e não a imposição de uma concepção única sobre a realidade econômica - é requerida para que haja um processo de aprendizado e se mantenha a adaptabilidade das ações à realidade econômica. Não se trata, devemos enfatizar, de encontrar alternativas que coordenem perfeitamente as ações dos indivíduos de forma ótima, como requer o ideal inalcançável de otimalidade de Pareto, mas sim de replicar a adaptabilidade em relação às mudanças que encontramos nos mercados.

³ Adotamos aqui o ponto de vista da epistemologia evolucionária, que interpreta tanto a obra de Popper quanto a de Hayek como processos de aprendizado por variação de conhecimento falível e posterior processo de correção de erros. Ver Bartley e Radnitsky (1987).

3 Hayek no Leito de Procusto

O desenvolvimento moderno da economia da informação, ao abandonar o pressuposto de conhecimento perfeito em favor da hipótese de que os agentes possuem informação limitada, poderia levar ao reconhecimento do problema do conhecimento de Hayek. Essa era a esperança de alguns economistas que escreveram mais tarde sobre o debate do cálculo, como Vaughn (1980) ou Murrell (1983). Este último acreditava que a economia da informação poderia lidar com o problema do cálculo em um mundo em mudança: “Cinquenta anos depois de que Mises apresentou seu desafio, a teoria econômica pode estar pronta para enfrentar as questões que ele levantou” (MURRELL, 1983, p. 104).

De fato, munidos com a teoria da informação assimétrica, alguns economistas retomaram o debate do cálculo. As questões estudadas, porém, diferiram substancialmente do problema do conhecimento aludido na seção anterior. Em especial, na retomada do debate, os problemas do socialismo continuarão sendo analisados exclusivamente sob o ponto de vista de teorias de equilíbrio, que pressupõem que o processo de competição já ocorreu, o que contraria a essência da crítica hayekiana. Entretanto, surpreendentemente, alguns dos participantes dessa retomada do debate veem Hayek como um precursor de seus estudos. Vejamos, então, como as preocupações sobre conhecimento desse último autor foram interpretadas sob a ótica da economia da informação, impedindo, assim, novamente que o problema proposto por Mises e Hayek fosse abordado.

Já antes do desenvolvimento da economia da informação, as ideias de Hayek sobre conhecimento foram ‘traduzidas’ nos termos da economia de equilíbrio por Hurwicz (1973). Ao chamar a atenção para a necessidade de *mecanismos* de alocação de bens, em contraste com a mera enunciação das *fórmulas* que descrevem o equilíbrio ótimo no socialismo de mercado (isto é, o preço deveria ser igual ao custo médio, como queriam Lange e Durbin no debate original, ou igual ao custo marginal, como queria Lerner), Hurwicz (1969) invoca a crítica de Hayek. Esta, segundo o autor, consistiria essencialmente na afirmação de que tais fórmulas não implicam a existência de mecanismos de processamento de informações descentralizadas, de modo que se tenha uma aproximação ao equilíbrio competitivo. Para Hayek, segundo essa releitura, não seria possível no socialismo a transmissão de informações dispersas a um órgão central.

Hurwicz (1973) coloca, então, o problema do socialismo da seguinte forma: como desenhar mecanismos alocativos eficientes a partir de situação na qual agentes possuem conhecimento apenas de suas próprias preferências e dos recursos e trechos da função de produção, de forma a minimizar a transferência de informações entre as unidades da economia?

Para o autor, em uma economia competitiva,⁴ a transmissão de informação se limita a vetores de quantidades ofertadas ou demandadas por agentes que reagem a vetores de preços paramétricos. O problema seria então encontrar mecanismos de alocação ótima que apresentem “descentralização informacional” da mesma maneira que o modelo competitivo. Ou seja, que minimizem a necessidade de transmissão de informações.

Se todas as funções de produção forem Cobb-Douglas, por exemplo, as firmas poderiam transmitir ao órgão de planejamento central apenas os parâmetros referentes aos expoentes de suas funções. Hurwicz (1973) analisa, então, mecanismos diferentes nos quais o “diálogo” informacional entre centro e periferia seja administrável: poderíamos, por exemplo, imaginar a transmissão pelo órgão central de metas quantitativas e o *feedback* das firmas na forma de preços sombra, até que haja uma convergência ao equilíbrio.

Tais mecanismos, porém, são discutidos em ambientes altamente estilizados, como economias com um único tipo de consumidor, função de produção estritamente convexa e conhecida e assim por diante. A relevância desses modelos para o problema real do planejamento e a interpretação literal da teoria⁵ poderiam ser discutidas à luz da própria crítica de Hayek. Contudo, o que é importante notar é que nas mãos de Hurwicz a contribuição de Hayek foi despida de seu elemento essencial – a crítica do confinamento da análise à teoria de equilíbrio – e interpretada em termos da própria teoria neoclássica.

É significativo que, tanto em Hurwicz quanto entre os economistas que retomaram o debate na década de 90,⁶ as citações de Hayek utilizadas são provenientes do *The uses of knowledge in society* [1945] e, não, do *Economics and knowledge* [1937], já que é neste último que encontramos a análise distintamente austríaca desse autor a respeito do significado na noção de equilíbrio, enquanto o argumento do primeiro texto, tomando-se passagens isoladas, pode ser interpretado em termos neoclássicos. O famoso exemplo do estanho, que Hayek elabora no artigo de 1945, é reconhecido por esses autores como o início da preocupação com o aspecto informacional dos preços. Hayek estaria argumentando que os preços seriam estatísticas suficientes para a tomada de decisão. Ou seja, a informação derivada através dos preços seria o bastante para se atingir uma alocação econômica eficiente. O conhecimento localizado de cada agente seria agregado nos preços e os agentes desinformados poderiam inferir conhecimento a partir das variações nos preços causadas por agentes informados.

⁴ Como Barone ou Lange no debate original, Hurwicz reduz a atividade competitiva estritamente aos elementos contidos na descrição do equilíbrio competitivo.

⁵ Note que a discussão de Hurwicz requer que os agentes conheçam explicitamente as funções de produção e realizem cálculos de otimização, excluindo, assim, a interpretação “as if” dos pressupostos comportamentais da teoria, como defendido por Friedman (1950).

⁶ Hurwicz (1973, 1969), Makowski e Ostroy (1993), Roemer (1994) e Gossman e Stiglitz (1996).

A intuição de Hayek, segundo essa interpretação, poderia ser analisada rigorosamente a partir da teoria da informação.⁷ Levando-se em conta que a obtenção de informação é custosa, Grossman e Stiglitz (1996) chegam à conclusão de que os preços não são capazes de transmitir e agregar informações de forma eficiente, como teria afirmado Hayek. Os autores desenvolvem um modelo no qual um ativo financeiro com retorno r é demandado por agentes que podem ou não obter (a um certo custo) informações sobre um parâmetro η que se relaciona com o retorno, que por sua vez depende também de uma variável não observável ε . Temos, assim, $r = \eta + \varepsilon$, sendo η e ε variáveis aleatórias independentes. A demanda *per capita* dos agentes informados depende tanto do preço p quanto do valor de η , enquanto a demanda dos desinformados depende apenas dos preços. Em equilíbrio, a demanda de mercado se iguala à oferta. Quando a oferta for fixa, variações nos preços de equilíbrio são causadas por variações na demanda dos agentes informados que observaram valores diferentes de η . Os desinformados podem, então, inferir a partir de um aumento de preços o aumento de η : os preços transmitiriam de forma perfeita informação dos informados para os desinformados. Quando o estoque do ativo varia aleatoriamente, porém, uma mudança nos preços pode ser devida tanto a alterações na demanda dos informados quanto a oscilações na oferta. Nesse caso, os preços revelam alguma informação sobre η , mas não informação completa.

Levando-se em conta o custo de obter informação, teríamos em equilíbrio que um indivíduo estaria indiferente entre obtê-la ou não. Quando o sistema de preços for informativo, porém, não vale a pena comprar informações sobre η , pois pode-se inferir gratuitamente seu valor pelo preço. No extremo oposto, quando nenhum agente conhece η , valeria a pena a compra da informação, pois o sistema de preços não informaria nada. Pode-se, então, chegar a uma fração dos indivíduos em equilíbrio comprando informação e a outra não. Nesse modelo, a afirmação “de Hayek” de que os preços transmitem informação de forma perfeita não se sustentaria.

Da mesma maneira, os autores chegam à conclusão de que o sistema de preços não agrega informação de forma perfeita: se o fizesse, um agente não basearia suas decisões em seu conhecimento particular, mas no preço. Nesse caso, como poderia o preço agregar informações de todos os agentes? Nesses e em outros exemplos, as externalidades relacionadas à coleta de informação custosa impedem que se obtenha a quantidade ótima de informação.

Deve-se notar que, tanto para Hurwicz quanto para Grossman e Stiglitz, os preços não exercem o papel de, fora do equilíbrio, auxiliar o processo de descoberta de conhecimento. No modelo, os agentes sabem exatamente quais informações são relevantes para a tomada de decisão e o valor dessa informação. Nenhuma

⁷ Ver Grossman e Stiglitz (1996).

ma *informação* causa surpresa, alterando o *conhecimento* que o agente tem sobre a realidade. Assume-se que de algum modo os agentes conhecem a teoria correta sobre o mundo. Só faltam os dados para tomar as decisões corretas.

Nos modelos desses autores investiga-se, pelo contrário, se em equilíbrio o sistema de preços é informacionalmente eficiente, transmitindo e agregando informações de maneira a obtermos alocações ótimas. A “tradução” de Hayek para o referencial de equilíbrio neoclássico permitiu, então, que se ignorassem os problemas do socialismo que dizem respeito às questões levantadas por esse autor. O socialismo de mercado será, então, analisado na década de 90 à luz daqueles aspectos dos mercados que são elucidados pela economia da informação. Especificamente, a questão dos incentivos, rejeitada pelos primeiros socialistas de mercado,⁸ passará a ocupar o primeiro plano tanto na formulação de propostas de socialismo quanto nas críticas à possibilidade de criar mecanismos adequados de incentivos para que os agentes públicos sigam os objetivos estabelecidos centralmente.

4 Socialismo de Mercado e Informação Assimétrica

A retomada moderna do debate deve muito a dois economistas que publicaram livros sobre o problema em 1994. Dentre aqueles que acreditam que a economia da informação pode gerar os elementos necessários para viabilizar o socialismo de mercado, destaca-se John Roemer, autor de *A future for socialism*. Entre os céticos, destaca-se Joseph Stiglitz, autor de *Whither socialism?*. Ambos os autores reavaliam o debate original e discutem a viabilidade do socialismo de mercado à luz da economia da informação.

Dos dois, apenas Roemer⁹ avalia o debate original com cuidado.¹⁰ A crítica de Hayek, para o autor, teria apontado para as simplificações da teoria que ignoram as complexidades da realidade: a) não há convergência devido ao constante

⁸ Lerner (1938), em especial, defendia a tese de que qualquer elemento relacionado a incentivos fugiria ao escopo da economia e deveria ser excluído do debate.

⁹ Bardhan e Roemer (1993, p. 3-9).

¹⁰ Os participantes do novo debate aprendem sobre o debate original a partir da narrativa de Roemer e da leitura do *The uses of knowledge in society*, além dos artigos de Grossman e Stiglitz. Makowski e Ostroy (1993), por exemplo, embora dediquem uma seção de seu artigo a criticar os argumentos de Hayek contra o socialismo de mercado, reconhecem em nota de rodapé que não leram a crítica de Hayek (1940). Isso não impede os autores de avaliar a crítica como difusa (*fuzzy*) por não enfatizar os problemas de incentivo. Caldwell (1987), em um protesto contra a falta de cuidado com a história das ideias e com a tradução de argumentos anteriores em termos da teoria atual, nota que no livro de Stiglitz dedicado ao socialismo de mercado não se encontra na bibliografia nenhuma referência aos textos de Mises, Dobb, Robbins ou Dickinson, havendo apenas uma menção a Lange, Lerner e Hayek (e mesmo assim de textos não relacionados diretamente ao debate). Como resultado disso, podemos encontrar em *Whither Socialism?* várias distorções das posições originais, como: “[...] under market socialism managers are instructed to maximize profits, [...]” (p. 9) e discussões de questões já tratadas no debate na década de 20, como se tivessem sido trazidas à tona pela primeira vez pelo próprio Stiglitz: “Innovation played no role in the markets/market socialism debate, [...]” (p. 139).

fluxo de mudanças nos fundamentos da economia; b) os bens não são homogêneos, de modo que não seria possível sequer listar os preços que deveriam ser controlados; e, finalmente, c) administradores leais e capazes não poderiam encontrar os métodos de produção que minimizam custos.

Embora concorde com os dois primeiros pontos, Roemer (BARDHAN; ROEMER, 1993) contesta o terceiro. No debate original, Hayek argumenta que se a prática de cortar preços não for permitida, não é possível encontrar por experimentação os métodos mais baratos de produção. Em outros termos, não se pode supor em equilíbrio o conhecimento gerado pelo processo de experimentação se este for barrado de início. Nesse ponto, podemos perceber as diferenças entre as abordagens austríaca e neoclássica. Roemer lê o argumento de Hayek em termos desta última: o argumento seria incorreto porque administradores competentes já operam com tecnologias eficientes e o processo de tentativas e erros de Lange convergiria para o único equilíbrio que minimiza custos, mesmo com agentes tomadores de preços (não há competição via corte de preços). Roemer argumenta que se o estímulo dado por mercados com cortes de preços não existisse, os agentes poderiam não ser estimulados a procurar técnicas de produção econômicas. Nesse caso, porém, não se sustenta a hipótese de que os agentes sejam “tão capazes e ansiosos para achar métodos eficientes quanto os capitalistas”.

O argumento de Hayek, interpretado no contexto austríaco, na verdade não assume que o conhecimento dos agentes (como por exemplo, o conhecimento técnico) seja dado: o conhecimento de tal técnica eficaz seria fruto do próprio processo competitivo de descoberta. Seria ilegítimo supor esse conhecimento como dado a princípio. Devem-se, então, separar os termos “capaz” e “ansioso” no parágrafo anterior. A motivação para se esforçar e fazer o melhor entre alternativas conhecidas (ao menos probabilisticamente) pode ser estudada no contexto da economia da informação. Entre os administradores esforçados e ansiosos pelo sucesso, porém, a única maneira de selecionar aqueles capazes de descobrir os melhores métodos seria através do apelo à competição real, a menos que se suponha como conhecido aquilo que de fato é fruto do processo competitivo. Se partirmos da hipótese hayekiana de ignorância inicial sobre a realidade econômica, a habilidade empresarial não pode ser reduzida a um fator com produtividade conhecida: o fruto da descoberta empresarial é, por definição, desconhecido antes do processo competitivo. O seu valor não pode ser estabelecido *a priori*, nem seu uso planejado em doses ótimas.¹¹ Consequentemente, mesmo atores altamente motivados podem supor teorias inicialmente errôneas. No mercado, o aprendizado depende da presença de hipóteses rivais. No socialismo de mercado, a melhor resposta é conhecida de início, sem que se explique como isso ocorre.

¹¹ Ver Kirzner (1985).

Ao interpretar a crítica de Hayek em termos neoclássicos, Roemer não separa a questão da rivalidade empresarial da questão de como desenhar mecanismos de incentivo que motivem os agentes a seguir os objetivos dos planejadores, isto é, mecanismos que os induzam a adotar as já conhecidas vias de ação que levam ao lucro máximo esperado. Este seria então o verdadeiro problema a ser enfrentado pelo socialismo. De fato, o autor (ROEMER, 1994) interpreta o fracasso das economias planejadas nesses termos: “I propose an explanation for why the centrally planned economies eventually failed: simply put, they were unable to solve principal-agent problems”.

Roemer (BARHDAN; ROEMER, 1993) identifica no socialismo problemas de agência em três esferas: nas relações entre administrador e trabalhador, nas relações entre planejador e administrador e, finalmente, entre público e planejador.

Stiglitz, por sua vez, ao reduzir o problema fundamental tratado por Hayek (o problema do conhecimento) ao problema de transmitir e agregar informações dadas, mas dispersas entre os agentes, não vê como o primeiro possa trazer dificuldades para o modelo de Lange:

I am not sure that Hayek fully appreciated the range of information problems. If they were limited to the kinds of information problems that are at the center of the Arrow-Debreu model – consumers conveying their preferences to firms, and scarcity values being communicated both to firms and consumers – then market socialism would have worked. Lange would have been correct that by using prices, the socialist economy ‘solve’ [sic] the information problem just as well as the market could. But problems of information are broader (STIGLITZ, 1994, p. 14).

Embora seja certo que Hayek não tenha abordado os problemas tratados pela economia da informação (parte foram considerados como resolvidos, por motivos de argumentação), mostraremos agora como a crítica de Stiglitz (1993, 1994) ao socialismo de mercado revela justamente o problema apontado por Hayek em sua crítica à abordagem que restringe análise apenas ao estudo das propriedades dos equilíbrios.

Em contraste com a opinião do autor exposta acima, a crítica de Stiglitz soa em princípio bastante hayekiana, como um ataque aos fundamentos da teoria neoclássica: “In this essay I argue that the idea of market socialism is fundamentally flawed – and for many of the same reasons that the Arrow-Debreu model on which it is based is flawed as a description of the market economy” (STIGLITZ, 1993, p. 21).

Stiglitz (1993) ridiculariza a visão esquemática que os economistas têm da realidade econômica. Essa visão, denominada pelo autor de *engineering economics*, refletida, por exemplo, no livro-texto de Samuelson, vê a economia apenas como composta por problemas de maximização de algumas funções razoavelmente simples, ignorando as complexidades do mundo real. Tanto a ideia de Joan Robinson,

de que a tarefa da atividade de administração de empresas se reduziria a consultar a página do manual técnico referente aos preços dos fatores, quanto a ideia (encontrada, por exemplo, em Hurwicz), de que existiriam algoritmos computacionais alternativos ao sistema de preços, são citadas como exemplos dessa visão. Assim, o autor observa que, dado o desprezo de Lange, Lerner e Taylor por mecanismos de incentivos gerenciais, os administradores poderiam ser facilmente substituídos por autômatos nos modelos dos socialistas de mercado.

No que diz respeito ao socialismo de mercado propriamente dito, Stiglitz repete em seu livro, talvez sem saber disso, alguns dos argumentos desenvolvidos por Hayek (1980c). Como Hayek, Stiglitz nota a complexidade do espaço de bens: se um produto simples, como uma camiseta, por exemplo, tiver 10 características (como cor, tamanho, etc.), cada uma podendo assumir 10 valores diferentes (azul, verde, ..., pequeno, médio, ...), o planejador central teria então que fixar 10 bilhões de preços (10^{10})! Seria praticamente impossível especificar as características do produto, e sempre que um preço fosse regulado as firmas poderiam compensar, diminuindo a qualidade ou alterando outra característica qualquer. Como Hayek, Stiglitz também observa que essa complexidade impede que se suponha competição perfeita em todos os mercados.

Ao contrário da teoria antes do advento da economia da informação, o autor acredita que o contato entre firmas e entre estas e os consumidores (como a construção de reputação, por exemplo) exerce funções importantes nos mercados reais. Os preços, embora por um lado não reflitam todas as informações, têm outras funções, como incentivos ou seleção, funções essas ignoradas pela teoria de equilíbrio geral.

Para o autor, o problema fundamental com a teoria econômica tradicional seria a ignorância dos problemas de informação assimétrica: não se pergunta naquela teoria como os agentes são incentivados a coletar informações e não se avalia a eficiência com a qual essas informações são processadas.

Embora a crítica de Stiglitz soe como um ataque à teoria tradicional, o que explica as semelhanças entre as observações desse autor e as de Hayek, na verdade o trabalho de Stiglitz preserva aqueles elementos centrais da teoria que foram criticados por Hayek: a exclusividade da preocupação com estados de equilíbrio e a preocupação correlata com a obtenção de alocações eficientes. Para Stiglitz, a comparação entre socialismo de mercado e economias de mercados puras deve ser feita em termos estritamente paretianos. Como não é de surpreender, o autor chega à conclusão de que ambas as formas de organização econômica falham em atingir equilíbrios ótimos de Pareto. A falta de mercados futuros completos, por exemplo, resulta na incapacidade dos mercados de alocar o investimento de forma eficiente.

O debate entre Hayek e Lange seria então inconclusivo. Para Grossman e Stiglitz (1996), Grossman teria formalizado a afirmação (que atribuem à Hayek) de que preços agregam informações. Nesse caso, se os preços forem estatísticas suficientes, o órgão de planejamento socialista não pode melhorar as alocações descentralizadas. Mas, se obter informações for custoso, essa afirmação “de Hayek” não se sustenta, pelas razões já apontadas. Nesse caso, um órgão com informações completas poderia melhorar o resultado dos mercados.

Embora seja difícil crer que os autores acreditem que o Estado possa de fato adquirir toda a informação necessária (à luz das complexidades da realidade econômica revistas anteriormente), somos levados pelos autores a comparar economias de mercado com geração não ótima de informação com economias socialistas de mercado que têm apenas custos de monitoramento de funcionários:

Thus in our view the Lange-Lerner-Taylor-Hayek debate comes down to the fundamental distinction between economies where: (1) prices and hence allocations are the outcome of a competitive arbitrage process which will, of necessity, be imperfect because of the costs of arbitrage as discussed in this paper, and (2) economies where prices and hence allocations are the outcome of a centralized allocative mechanism which will, of necessity, be imperfect because of the costs of monitoring bureaucrats (GROSSMAN; STIGLITZ, 1996, p. 252).

A inconclusão a respeito da escolha institucional é resolvida na preferência do autor por uma forma de intervencionismo: Stiglitz (1994, 1993) crê que políticas antitruste, regulações de falhas de mercado e políticas keynesianas possam melhorar a eficiência dos mercados. Na defesa dessa postura, se revelam de forma mais nítida os problemas discutidos por Hayek: ao mesmo tempo em que na citação anterior o autor se esquivava de mostrar como o órgão de planejamento possa obter conhecimento, em outro contexto, ao discutir a imposição de uma taxa/subsídio corretiva para eliminar *moral hazard* em seguros, Stiglitz (1994) afirma que os custos e benefícios marginais relevantes a essa situação podem ser obtidos pela verificação de “magnitudes observáveis”, como elasticidades próprias e cruzadas.

Poderíamos indagar, tendo em vista as observações do próprio autor encontradas no mesmo livro sobre a complexidade do espaço de bens, se o número de elasticidades empiricamente observáveis que o Estado precisaria conhecer não deveria então ser multiplicado por 10 bilhões. Na obra do autor, a assimetria entre a complexidade do problema enfrentado pelos agentes privados e pelo Estado e, portanto, os diferentes requisitos cognitivos exigidos dos mesmos agentes revelam a postura que Demsetz (1969) denominou de “nirvana approach”: a condenação da realidade do mercado com base na comparação com um ideal sem que se ex-

plique como esse ideal seria aproximado em um esquema institucional alternativo concreto.¹²

5 Informação ou Conhecimento?

A crença identificada por Hayek nos socialistas de mercado originais de que os fundamentos da economia são estáveis e facilmente reconhecíveis e que curvas de demanda e custos objetivos estão disponíveis para os agentes e o Estado estimarem,¹³ em última análise, subsiste na análise de Stiglitz, o que impede que se reconheça o problema do conhecimento, de modo a se acreditar que os governos sejam dotados do conhecimento sobre tais curvas e possam, por conseguinte, utilizar seu poder para que equilíbrios ótimos de Pareto sejam alcançados. Dessa maneira, a obra de Stiglitz ilustra precisamente o tipo de crítica que Hayek fez ao planejamento central: a pretensão de conhecimento superior por parte dos governos.

Com isso, chegamos ao discurso de Stiglitz sobre as diferenças entre os núcleos dos programas de pesquisa austríaco e neoclássico. Sentindo o choque entre essas tradições, Stiglitz procura em *Whither Socialism?* (1994) criticar algumas ideias austríacas que servem como base das objeções a sua própria abordagem. Em uma seção do livro intitulada “Hayek versus Stiglitz”, o autor aceita o argumento “de Hayek” de que o modelo que pressupõe conhecimento perfeito ignora a maneira como os preços transmitem e agregam preferências, mas rejeita a abordagem austríaca:

My concerns are two-fold: First, because Hayek (and his followers) failed to develop formal models of the market process, it is not possible to assess claims concerning the efficiency of that process, and second (and relatedly), in the absence of such modeling, it is not possible to address the central issues of concern here, the mix and design of public and private activities, including alternative forms of regulations [...] and the advantages of alternative policies toward decentralization-centralization (STIGLITZ, 1994, p. 25).

A rejeição austríaca da modelagem formal é atribuída por Stiglitz à observação de que a realidade é muito complexa para ser tratada por modelos simples. Essa complexidade, contudo, tornaria menos provável ainda a obtenção de equilíbrios ótimos nos mercados: “If markets do not work efficiently under these

¹² Stiglitz procura evitar essa crítica usando o conceito de “melhora paretiana condicionada”. Contudo, na argumentação do autor, a complexidade dos mercados (causa das ineficiências) desaparece quando se analisam as ações corretivas do Estado.

¹³ Essas crenças tácitas são derivadas da falha em distinguir entre a natureza do conhecimento prático (detalhado e cambiante) e teórico (estável e simplificado para fins de explanação e não de previsão), como observado por Hayek (1945).

idealized circumstances, how can we be confident that they would work efficiently under more complicated circumstances? Only by an act of (and indeed a leap of) faith!" (STIGLITZ, 1994, p. 26).

Embora rejeite o critério paretiano como critério relevante, a análise austríaca seria, para o autor, altamente normativa. Stiglitz faz então referência à abordagem evolucionária encontrada entre os austríacos. Contudo, como as ideias combatidas são apresentadas na forma de insinuações, sem referências a autores ou textos específicos, a compreensão sobre exatamente o que está sendo criticado é dificultada.¹⁴

Para Stiglitz (1994, p. 25 e p. 282, nota-de-rodapé 11), o apelo à teoria da evolução seria mal concebido, pois a "sobrevivência do mais apto" não define um critério a respeito do que é considerada uma aptidão e, além disso, os processos evolutivos não resultam sempre em optimalidade.

Aqui, novamente, as ideias austríacas (e evolucionárias) são distorcidas por Stiglitz. Em primeiro lugar, em parte alguma as abordagens evolucionárias pressupõem a desejabilidade de todo processo evolutivo. Em *O caminho da servidão*, por exemplo, Hayek mostra como processos seletivos na esfera política levam sempre os piores ao poder. Em segundo lugar, em vez de apenas apelar para a evolução, a epistemologia evolucionária examina a natureza dos processos seletivos diversos, de forma a comparar semelhanças e diferenças entre processos evolutivos nas esferas biológica, econômica ou epistemológica. Em terceiro lugar, embora a abordagem evolucionária seja utilizada para mostrar que processos evolutivos na economia não resultam em optimalidade, ao mesmo tempo convida a avaliarmos processos em termos da capacidade de adaptação, e não em termos da possibilidade de atingir a perfeição. Em quarto lugar, a teoria é propositadamente não específica no que refere aos critérios concretos de seleção que operam em cada caso. Isso ocorre precisamente porque em cada caso temos um enorme número de variáveis que afetam a capacidade de sobrevivência, variáveis essas que, devido a sua complexidade, só podem ser vislumbradas pela observação concreta de processos seletivos particulares, a menos que se suponha cientistas oniscientes.

Chegamos, assim, ao ponto principal da abordagem evolucionária de Hayek (e Popper). Embora seja certo que a complexidade conspira contra a optimalidade, como aponta Stiglitz, a consequência disso para a comparação institucional é outra, sob o ponto de vista de Hayek. A complexidade da realidade econômica também conspira contra a possibilidade de que qualquer agente ou grupo domine o conhecimento necessário para que se possa replicar através de um mecanismo centralizado a coordenação obtida nos mercados. O conhecimento necessário para a atividade coordenadora dependeria do processo seletivo de aprendizado

¹⁴ O autor provavelmente se refere às ideias evolucionárias de Hayek desenvolvidas em Hayek (1988), pois essa é a única referência deste autor citada na bibliografia do *Whither Socialism?*

por tentativas e erros (conjecturas e refutações), em que consiste a atividade competitiva entre empresários no mercado e não pode ser simplesmente assumido como dado. Em outros termos, *contra* Stiglitz, mecanismos impessoais de *feedback* são importantes justamente quando a complexidade do problema aumenta.

As diferentes instituições, na abordagem neoaustriaca, podem ser comparadas em termos da capacidade de gerar aprendizado, conforme investigamos a natureza dos processos seletivos subjacentes. A incapacidade de gerar modelos formais que deem conta de detalhes desse processo é, contudo, inerente ao problema. Na abordagem hayekiana, é logicamente impossível avaliar o fruto do processo de aprendizado antes que este ocorra. Por exemplo, não seria possível representar simbolicamente o processo de descoberta de novidades no modelo de aprendizado de Stiglitz: pressupor uma equação entre o retorno r de um ativo e o valor de uma variável η leva a crer que o processo de aprendizado já ocorreu. O modelo correto já é conhecido por todos. O mercado deve ser valorizado *hoje*, no entanto, pelo fato de que sem rivalidade não se pode esperar que algum empresário descubra *amanhã* que surpreendentemente o retorno depende também de outra variável até então negligenciada, digamos, ξ . Nada garante hoje, contudo, que essa relação exista e será descoberta. A impossibilidade lógica de conhecer hoje o que será descoberto amanhã¹⁵ impõe limites à capacidade de representar formalmente o processo de aprendizado, a não ser em suas características mais genéricas. Essa dificuldade, no entanto, não diz nada sobre a relevância do problema do conhecimento.

A retomada do debate do cálculo sob o ponto de vista da economia da informação suscitou reações entre os austríacos e historiadores das ideias. Caldwell (1997), por exemplo, protesta contra as distorções da posição austríaca e procura recuperar o significado original do problema do conhecimento frente à interpretação de Stiglitz sobre o significado da contribuição de Hayek, enfatizando as diferenças entre conhecimento e informação ou, ainda, o significado da análise de processo frente à preocupação com o equilíbrio estático, entre outros aspectos. A desconsideração dos problemas do socialismo estudados pelos austríacos levou Caldwell (1997) a parafrasear Hayek: enquanto este protestava contra o excesso e preocupação dos socialistas de mercado com as condições do “hipotético estado de equilíbrio estacionário”, aquele protesta contra a excessiva preocupação moderna com os problemas de informação.

Thomsen (1992), por sua vez, procura clarificar a controvérsia, identificando três diferentes funções informativas dos preços: a) os preços permitem que os agentes tomem decisões como se possuíssem muito mais informação de que de fato possuem, conforme o argumento desenvolvido por Hayek (1980c); b) os preços permitem que se façam inferências sobre conhecimento possuído por outros,

¹⁵ Esse argumento é apresentado no prefácio de *A miséria do historicismo*, de Popper.

como argumentam Grossman e Stiglitz (1996); e c) preços em desequilíbrio fornecem oportunidades de lucros que induzem um processo de descoberta que produz conhecimento não antes imaginado, conforme desenvolvido pela moderna abordagem de processo de mercado austríaca.

Thomsen procura mostrar que essa última função não diz respeito à possibilidade de resumir nos preços as informações dispersas na sociedade, mas sim ao fato de que, como apontou Lavoie (1985), os empresários aceitam alguns preços, mas discordam de outros, apostando recursos na hipótese de que seu conhecimento sobre características locais do mercado revelem oportunidades de lucros não percebidas pelos demais agentes.

Para os austríacos, o problema com o socialismo de mercado reside na desconsideração nos modelos do papel exercido pela função empresarial nos mercados livres. Stiglitz, embora interprete o argumento de Hayek de forma neoclássica e rejeite a abordagem austríaca, acaba por apelar, em *Whither Socialism?* (1994), para argumentos que resvalam nos problemas austríacos. Além dos problemas de incentivo e da falta de mercados completos, Stiglitz (1994, 1993) critica o socialismo de mercado por ignorar o papel da inovação, descentralização e competição. Ironicamente, encontramos no livro do autor um destaque a esses argumentos, cuja apresentação não é formalizada, a despeito da rejeição anterior aos mesmos argumentos (expressos na literatura austríaca) justamente por não serem formalizados.

Roemer, do mesmo modo, reavalia sua opinião de que a causa do fracasso das economias do bloco soviético fosse devida a problemas de agência. Em *A future for socialism*, Roemer (1994) afirma que o problema central teria sido a falta de progresso técnico. Isso teria ocorrido não porque os agentes deixaram de seguir as ordens dos principais, mas porque ninguém deu ordens nesse sentido. Para Roemer, ao contrário, a inovação não ocorreu por falta de *competição* entre firmas nos mercados.

Embora o problema do conhecimento não seja reconhecido por Stiglitz e Roemer devido ao fato de que tal reconhecimento contraria o núcleo duro do programa de pesquisa neoclássico (em especial, a redução da ação humana à maximização de funções conhecidas), as interpretações históricas sobre os problemas do planejamento central discutidas por esses autores não são derivadas do desenvolvimento de seus modelos formais, mas sim precisamente da noção de competição como um processo rival que rejeitam em termos teóricos, noção essa comum às escolas clássica, austríaca e ao sentido leigo do termo.

Enquanto Stiglitz é céptico em relação à possibilidade de resolver esses problemas no socialismo de mercado, Roemer liderará a busca por formas de socialismo de mercado que possam lidar tanto com o problema de incentivo do tipo agente-principal, quanto do problema de geração de inovações: “The question for

socialists becomes, then, whether an economic mechanism can be designed under which technological innovation will take place but in which a characteristically capitalism distribution of income does not evolve" (ROEMER, 1994, p. 45).

A despeito dessa avaliação, os modelos desenvolvidos tratam do problema de agência identificado acima. Os novos modelos de socialismo de mercado irão incluir bolsas de valores ou aglomerados bancários para lidar com problemas de agência na direção de firmas socialistas. A análise desses modelos, entretanto, requer um artigo separado.¹⁶

6 Considerações Finais

Neste artigo advogamos a tese de que a interpretação das ideias de Hayek sobre conhecimento e equilíbrio, elaborada pelos defensores da economia da informação, consiste em um exemplo da estratégica retórica de retirar um discurso de seu contexto teórico original, a saber, a teoria austríaca do processo de mercado, e interpretá-lo à luz de um programa de pesquisa diverso, a economia da informação. Embora retoricamente efetiva – a análise de um argumento fora de seu contexto enfraquece-o, permitindo uma crítica aparentemente conclusiva – essa estratégia é prejudicial ao debate das ideias na medida em que impede que um problema genuíno seja discutido.

Especificamente, argumentamos que o problema do conhecimento proposto por Hayek difere do problema de informação assimétrica tratado por Roemer, Stiglitz e outros. Para substantiar tal tese, inicialmente interpretamos o problema do conhecimento em termos da epistemologia evolucionária, baseada na filosofia falibilista de Popper. Em seguida, mostramos as diferenças básicas entre o problema do conhecimento e o problema da informação: no primeiro, os agentes competem com teorias empresariais rivais, ao passo que, no segundo, os agentes já conhecem o modelo correto da realidade, possuindo, no entanto, conjuntos diferentes de informações que alimentam tal modelo. Em outros termos, na primeira abordagem a estrutura de meios e fins do problema alocativo fundamental é desconhecida, sendo sua descoberta parte da tarefa exercida pela atividade competitiva, ao passo que no segundo referencial a estrutura de meios e fins é dada.

Depois de contrastar os problemas que informam as duas abordagens, mostramos como o problema do conhecimento é ignorado por meio de sua tradução como um problema de informação. Finalmente, defendemos o ponto de vista de que o primeiro problema de fato também é significativo na discussão do socialismo de mercado, já que os próprios defensores da economia da informação reconhecem indiretamente sua importância: o problema crucial do socialismo real não foi um problema de agência – ninguém ordenou que se inove. Por outro lado, a

¹⁶ Ver Barbieri (2012).

inovação, identificada como o problema crucial por esses autores, é afinal parte integral da competição vista como um processo de aprendizado, como defendido por Hayek e seus seguidores.

Referências

BARBIERI, F. A retomada do debate do cálculo econômico socialista: economia da informação, escolha pública e a crítica austríaca. *Estudos Econômicos*, v. 42, n. 2, p. 401-427, 2012.

_____. *História do debate do cálculo econômico socialista*. 2004. Tese (Doutorado em Teoria Econômica - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BARDHAN, P.; ROEMER, J. E. (Ed.). *Market socialism: the current debate*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

BARTLEY, III, W. W.; RADNITZKY, G. (Ed.). *Evolutionary Epistemology, Rationality and the Sociology of Science*. La Salle: Open Court, 1987.

CALDWELL, B. Hayek and Socialism. *Journal of Economic Literature*, v. 35, n. 4, p. 1856-1890, 1997.

DEMSETZ, H. Information and Efficiency: another viewpoint, *The Journal of Law and Economics*, v. 12, p. 1-22, 1969.

GROSSMAN, S. J.; STIGLITZ, J. E. Information and competitive price systems. *American Economic Review*, v. 66, n. 2, p. 246-253, 1996.

HAYEK, F. A. (Ed.). *Collectivist economic planning*. Londres: Routledge, 1935.

_____. [1945]. The use of knowledge in society. In: HAYEK, F. A. *Individualism and economic order*. Chicago: Chicago University Press, 1980c. p. 77-91.

_____. [1946]. The meaning of competition. In: HAYEK, F. A. *Individualism and economic order*. Chicago: Chicago University Press, 1980b. p. 92-106.

_____. Competition as a discovery procedure. In: *New studies in Philosophy, Politics and Economics*. Londres: Routledge, 1978. p. 179-190.

_____. *Individualism and economic order*. Chicago: Chicago University Press, 1980a.

_____. Socialist calculation: the competitive solution. *Economica*, v. 7, n. 26, p. 125-149, 1940. Reimpresso em HAYEK, F. A. (1935, 1980).

_____. *The fatal conceit: the errors of socialism*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

_____. [1937]. Economics and knowledge. In: HAYEK, F. A. *Individualism and economic order*. Chicago: Chicago University Press, 1980d. p. 33-56.

HURWICZ, L. On the concept and possibility of informational decentralization. *American Economic Review*, v. 59, n. 2, p. 513-524, 1969.

_____. The design mechanisms for resource allocation. *American Economic Review*, v. 63, n. 2, p. 1-30, 1973.

KIRZNER, I. *Competição e atividade empresarial*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1985.

- LAVOIE, D. *Rivalry and central planning: the socialist calculation debate reconsidered*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- LERNER, A.P. Theory and Practice in Socialist Economics. *Review of Economic Studies*, v. 6, n. 1, p. 71-75, 1938.
- MAKOVSKI, L.; OSTROY, J. M. General equilibrium and market socialism: clarifying the logic of competitive markets. In: BARDHAN, P.; ROEMER, J. E. (Ed.). *Market socialism: the current debate*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- MISES, L. [1920]. Economic Calculation in a Socialist Commonwealth. In: HAYEK, F. A. (Ed.). *Collectivist economic planning*. Londres: Routledge, 1935, p. 87-130.
- _____. [1922]. *Socialism: an economic and sociological analysis*. Indianapolis: Liberty Fund, 1981.
- MURRELL, P. Did the theory of market socialism answer the challenge of Ludwig von Mises? A reinterpretation of the socialist controversy. *History of Political Economy*, v. 15, n. 1, p. 92-105, 1983.
- ROEMER, J. E. *A future for socialism*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- SOTO, J. H. *Socialismo, cálculo económico y función empresarial*. Madrid: Unión Editorial, 1992.
- STIGLITZ, J. Market socialism and neoclassical economics. In: BARDHAM, P.; ROEMER, J. E. (Ed.). *Market socialism: the current debate*. Oxford: Oxford University Press 1993.
- _____. *Whither socialism?* Cambridge: The MIT Press, 1994.
- THOMSEN, E. *Prices and knowledge*. Londres: Routledge, 1992.
- VAUGHN, K. Economic calculation under socialism: the Austrian contribution. *Economic Inquiry*, v. 18, p. 535-54, 1980.

Recebido em: 07/01/2013.

Aceito em: 14/03/2013.